



CINEMA

LITERATURA

FALE CONOSCO

MUSICA

PIPOQUEIROS

TELEVISAO

PENSAMENTOS

busca

Ok



CINEMA

Minha vida sem mim

Por: Fábio Freire



O sol de cada manhã não foi um grande sucesso. Passou batido nos cinemas. Não bateu recordes de locação. Está longe de ser uma obra-prima cinematográfica ou grande "Cinema". Mas é um filme honesto que merece ser descoberto. É o típico longa que vai te conquistar ou não a depender do seu humor e estado de espírito, de como você acordou, com o pé direito ou esquerdo. Tudo vai depender de você. Você pode se identificar de imediato com a personagem de Nicolas Cage, ou achá-lo um chato que põe todo o filme a perder.



Nicolas Cage é David Spritz, um jornalista frustrado e insatisfeito com a vida que basicamente diz se vai chover ou fazer sol. Ele está separado da mulher (Hope Davis), mal sabe o que se passa na vida dos dois filhos adolescentes e tenta a todo custo provar para o pai (Michael Caine) que é alguém na vida. Mas, apesar de ganhar bem e ter todos os confortos que um norte-americano bem sucedido pode desfrutar, David não passa de um *loser*. Suas tentativas de reconciliação com a mulher são desastrosas. O diálogo que tenta manter com os filhos nunca vai adiante. E seu pai continua sem entender direito quem ele é e o que ele faz.

Mas o maior problema de David é ele mesmo. Ele não se aceita e vive sobre a sombra do sucesso do pai, um renomado escritor ganhador de um Pulitzer. Se sua vida pessoal é um desastre, nem a possibilidade de um emprego em um importante programa de tevê em Nova York anima David. Insatisfeito com a vida que leva, ele briga com os fãs que vêm lhe pedir autógrafos (afinal ele é o "homem do tempo" e está todas as manhãs na tela da tevê) e o máximo de reconhecimento que recebe são copos de milk-shake ou pedaços de torta atirados em sua direção por esses mesmos "fãs". E sua vidinha ordinária segue sem rumo.



Se fosse dirigido por um diretor mais talentoso, como Marc Forster (*Mais Estranho que a Ficção*) ou Sofia Coppola (*Encontros & Desencontros*), *O sol de cada manhã* seria mais do que um filme cinza com tendências melancólicas. Como é dirigido pelo acelerado Gore Verbinski (*Um ratinho enrenqueiro*, *A mexicana* e a trilogia *Piratas do Caribe*), é surpreendente que o filme funcione e tenha alma. Por mais que seja um trabalho frio e conduzido com certo distanciamento, o que

de certa forma casa com o tema de insatisfação da produção, Verbinski consegue imprimir certa delicadeza à narrativa. Ele dirige com sensibilidade e demonstra um carinho quase palpável pela personagem principal.



Ainda que o roteiro apele para certos clichês (David começa a repensar a apatia em virtude da doença terminal do pai) e a narrativa recorra a alguns recursos óbvios

ATUALIZAÇÕES

17/06 Van Damme, a redenção [JCVD]

17/06 Katie Melua [Katie Melua - *The Katie Melua Collection*]

28/05 Canto de casa para todos os pretos [Lívia Lucas - *Canto de Casa*]

28/05 Da Lama ao Caos. [Chico Science & Nação Zumbi - *Da Lama ao Caos*]

17/04 Meio que tardio [Guns and Roses - *Chinese Democracy*]

DO MESMO AUTOR

Cara ou Coroa? [Melinda & Melinda]

Sonhos de celofane [Sonhando Acordado]

Em busca da criatividade perdida [Em Busca da Terra do Nunca]

Ferro velho [Transformers]

Pálido retorno [Nunca é Tarde para Amar]

LEIA TAMBÉM

10/07/2004 Nas trilhas da reconciliação [Marxismo, materialismo histórico (Perry Anderson)]

13/11/2005 a poesia sabe

04/09/2004 Plim-plim [Olga]

21/10/2003 Los Hermanos [Entrevista com Bruno Medina, Los Hermanos]

08/07/2008 Wall-E é um dos grandes filmes da temporada [Wall-E]



através de uma imagem estática da personagem sentada esperando o pai, a filha ou mesmo a porta do elevador fechar.

A cara de tédio e quase inexpressividade de Nicolas Cage ajuda e ele está bem à vontade como David. Ator acostumado a revezar bons papéis (*Cidade dos Anjos*, *Adaptação*) com outros vexaminosos (*60 Segundos*, *O Sacrifício*), Cage se sai bem interpretando uma personagem quase clichê no cinema atual. Ou seja, aquela pessoa meio perdida, insatisfeita e passiva perante a vida e que, a depender do filme, chega ao final e encontra ao não a redenção. Will Ferrell (*Mais Estranho que a Ficção*), Bill Murray (*Encontros & Desencontros*, *Flores Partidas*), Zach Braff (*Hora de Voltar*, *Um Beijo a Mais*), Orlando Bloom (*Elizabethtown*) e até Claire Daines (*Garota da Vitrine*) já interpretaram tipos parecidos recentemente.

Mesmo não sendo um primor de criatividade, *O sol de cada manhã* é um belo longa, com todos os erros e acertos que um filme pode ter. Se como "Cinema" não passa de mais um produto, como experiência pessoal se mostra recompensador. E cinema não é isso mesmo, uma experiência pessoal que pode agradar a mim ou despertar o ódio de uma outra pessoa na mesma intensidade? Seguindo essa lógica, *O sol de cada manhã* merece meu respeito porque traz uma interpretação decente de Nicolas Cage, redime, em parte, Gore Verbinski de seus pecados cinematográficos e ainda salvou minha sexta-feira à noite da total desgraça. Para um simples filme, já está de bom tamanho.



21/04/2007

[Voltar](#)

Comentário dos leitores:

Nenhum comentário foi feito, seja o primeiro a comentar.

>> [Clique aqui para enviar seu comentário!](#)